

PJ PEREIRA

DEUSES DE DOIS
MUNDOS

O LIVRO DA TRAIÇÃO.

Da
Boa
Prosa

PREFÁCIO DO AUTOR

O livro do silêncio e *O livro da traição* foram originalmente escritos como um só. Eles são duas partes de uma mesma trama, inspirada na crença dos iorubás, povo africano do início dos tempos, que acredita que o tempo anda em círculos. Que o passado e o presente são repetições das mesmas histórias contadas desde sempre pelos príncipes do destino, os odus. Mas ao terminar de escrevê-los, a saga me pareceu melhor representada em três partes. As duas originais e mais uma terceira que eu ainda iria escrever.

O primeiro livro da trilogia começa em São Paulo, no ano de 2001. O jovem Newton Fernandes, mais conhecido como New, descreve em e-mails para um misterioso homem chamado Laroîê como, entre aventuras sexuais e refeições épicas, sua ascensão na carreira jornalística foi dificultada por inconvenientes chamados à uma missão mística. Dizendo-se avesso a qualquer ideia ou prática religiosa, New tentou escapar daquela responsabilidade que nunca pediu. Mas não foi tão fácil assim. A cobertura de um grande caso de sabotagem industrial que mudaria sua carreira havia sido interrompida sem muita explicação. A relação amorosa com Duda, sua ex-namorada de faculdade, se esvaziou. E o jogo de sedução com a poderosa Yara, executiva do *Jornal* onde ele trabalhava, não o levou a lugar nenhum. Assim New, em suas noites solitárias no seu apartamento em Moema, se viu numa viagem em sonhos por uma terra misteriosa chamada Orum, onde participou de uma cerimônia divinatória ao redor de um lago mágico, junto com outros quinze homens de tempos e lugares distintos.

No fundo do lago, New assistiu à jornada de Orunmilá, o maior babalaô de todos os tempos. Quando seus instrumentos divinatórios

se calaram, junto com os de todos os outros balalaôs do mundo, o velho adivinho foi ordenado pelos orixás a recrutar um exército e recuperar os príncipes do destino raptados pelas feiticeiras Iá Mi Oxorongá. Os deuses africanos prometeram manter os búzios de Orunmilá funcionando através de uma solução temporária (o que New e os outros 15 odus substitutos estavam realizando sob o comando de Ifá, o orixá do destino), mas Orunmilá deveria correr. O adivinho então varreu o mundo de seu tempo e trouxe para sua expedição o mais poderoso grupo de guerreiros já visto naquelas terras. O general Ogum, o guerreiro louco que mesmo tendo água, lava-se com sangue. Seu irmão Oxóssi, o confiante caçador que jamais erra uma flecha. O príncipe Xangô, insolente e sedutor, mas dono de poderosas pedras de raio capazes de partir árvores ao meio e incendiar cidades em instantes. A guerreira Iansã, que além de lutadora aguerrida, é capaz de se disfarçar de animais e comandar tempestades. Oxum, a bela e dengosa filha de Orunmilá, com encantos tão poderosos que controla as águas dos rios, e que logo se tornou esposa do general Ogum. E o jovem e leal mensageiro de Orunmilá, Exu, sempre surpreendente em sua astúcia e sua fome sem fim. Juntos os sete guerreiros seguiram em direção à cidade de Ifé, onde, com a ajuda dos búzios e dos odus substitutos, entre eles New, conseguiram derrotar o poderoso pássaro das Iá Mi Oxorongá e resgatar o primeiro dos odus.

E assim terminou *O livro do silêncio*. Newton, relutante, ajudando o confiante grupo de Orunmilá a encontrar o primeiro dos príncipes do destino. Uma conquista promissora, que será agora desafiada nas páginas a seguir, *O livro da traição*.

Já o terceiro livro, o pesado e misterioso *O livro da morte*, mostrará esse universo do ponto de vista dos orixás e saltará mais de uma década na vida de New. Mas, antes que eu me aprofunde, você ainda tem algumas centenas de páginas pela frente.

Boa leitura.

PJ Pereira

PRÓLOGO

“Quanta culpa um homem é capaz de carregar numa única vida?” Um estranho vento frio zumbia alto nas suas orelhas, desprotegidas pelo cabelo curto e vermelho, enquanto ela cruzava apressada as ruas ainda quietas de Nova York. Era como se o próprio ar da cidade lhe repetisse insistente a mesma pergunta que o mestre lhe fizera naquela manhã.

Havia sido apenas uma pergunta retórica, ela sabia, depois de ter lido os e-mails que o mestre Laroiê lhe havia mostrado. E das histórias que contou, lendas antigas do seu povo na África. De um tempo em que guerreiros com superpoderes tentavam recuperar o destino do mundo de feiticeiras. Ela demorou a entender como duas histórias, e dois tempos, tão distantes se encaixavam, mas agora tudo estava claro. Tudo, menos o desfecho. Qualquer que fosse o plano, porém, estaria terminado naquela manhã de quase outono. Ou melhor, primavera. Estavam no hemisfério Norte.

As portarias monumentais do World Trade Center já se aproximavam, e ela olhou o relógio: ainda não eram sete da manhã. O telefone havia tocado antes das seis, era ele: “Ouça bem o que vou dizer, nem pense em me desobedecer”. Ela não ousaria, claro. Já havia entendido o que acontece com quem contraria alguém tão poderoso. E gostava dele. Haviam tido um início de relação um pouco “original”, quando ele a raptou da pet shop e a levou, tomada por um espírito, para um galpão na periferia de São Paulo. Nunca havia sido possuída, ao menos não daquela maneira – pensou, agora achando graça da frase com cara de livro erótico de banca de jornal. Nem amarrada com uma coleira – riu mais ainda. Tudo era muito distante, agora. Não no tempo, mas no que sentia. E no cabelo, cortado e mudado de

cor. E no emprego – num grande banco de investimento internacional. Quem diria.

Até ali, ela havia cumprido todos os rituais exigidos pelo mestre. Religiosamente. Havia se lavado, deixado um pouco de água do lado de fora. Colocou um dos tantos vestidos Prada do seu armário, ainda lembrava do preço de cada um deles, e deixou todos os documentos de forma displicente caídos no chão, bem ao lado da porta. Agora, o mais difícil.

O suor escorreu pelo lado da testa quando terminou de cruzar o hall de entrada de uma das torres. Apressada, passou o crachá junto ao pequeno sensor que liberava a entrada dos funcionários e, num gesto rápido, girou a catraca em falso, como se seu fantasma tivesse partido em direção ao elevador. Deu meia-volta mas, antes que pudesse se afastar, um dos seguranças, que havia percebido a movimentação de uma estranha na entrada reservada aos que trabalhavam no prédio, surgiu bem na sua frente.

– I.D., please?

“Estúpido!”, ela pensou. Recuperando-se do susto, enquanto procurava no português, ligeiramente manco, a palavra mais desqualificante para a inteligência de um homem, apenas baixou os óculos escuros até a ponta do nariz e deixou que o homem a identificasse.

– Sorry, madam, may I help you?

Ela agradeceu com educação. No fundo, porém, queria matá-lo. Havia sido descoberta, e o mestre fora enfático ao ordenar que ninguém – gente ou computador – percebesse que ela não havia subido naqueles elevadores. Só que não havia mais tempo! Colocou a mão na bolsa e retirou uma pequena agenda como se fosse isso que estivesse indo buscar desde o início.

– No, thanks. – respondeu com um sorriso envergonhado, que pareceu tê-lo convencido.

O guarda ficou ao seu lado quando ela passou o crachá em falso na direção da saída, depois entrou novamente com ele, como manda o protocolo. “Idiot!” – ela pensou novamente, dessa vez em inglês (depois de alguns meses longe de casa, xingar na língua local fica mais fácil do que em seu próprio idioma). Teve que entrar. Pensaria num plano no caminho.

Em frente aos elevadores, um homem alto de bigode com cara de mexicano, duas mulheres gordas e bem-vestidas, e um senhor de mais idade, com cara de gângster, aguardavam pacientes. Quando a luz acendeu, e a porta abriu, entraram todos se empurrando como se precisassem disputar um lugar no gigantesco elevador que havia chegado ao térreo com apenas uma pessoa: um negro muito alto, alinhadíssimo, todo de preto com detalhes vermelhos, inclusive no tênis. Ela o conhecia muito bem. Nervosa, a ruiva tentou não cruzar o olhar e se postou exatamente à frente do gigante. Não sabia o que fazer. “Mestre Laroîê não deveria estar aqui.” – pensou, apavorada.

Quando a porta se abriu no terceiro andar, ela sentiu algo encostar na sua mão. E a voz na sua nuca disse, suave:

– Your floor, madam.

Ela cruzou a porta, como um cãozinho bem treinado. Ao ouvir o elevador fechar novamente às suas costas, olhou então o que ele lhe havia dado. Um crachá. Do mexicano.

Pegou o próximo elevador de volta e passou pela catraca, torcendo para que o segurança não a parasse. Para seu alívio, ele nem percebeu. Muito cedo para qualquer um estar tão alerta.

Na calçada, ela olhou de novo o relógio. Estava atrasada. E pior: com um salto quebrado. Naquele momento, seu medo era da reprimenda que teria de ouvir por ter precisado que Laroîê tivesse que vir salvá-la de uma tarefa tão simples. “Será que eu preciso ir tirá-lo de lá?” – pensou, depois desistiu. Soubesse ela o que estava por vir, teria voltado. Mas, na sua ignorância, prosseguiu, na ponta dos pés, com apenas um salto, na direção combinada.

Algumas quadras adiante, avistou a limusine preta esperando com o pisca-alerta ligado, todos os táxis de Nova York xingando e buzinando. “Maldito segurança!” Ela tentou apressar o passo, mas a saia justa e a panturrilha em chamas comprometiam seu desempenho de velocista. Já estava atrasada mesmo, o que seriam alguns segundos a mais?

Do lado de dentro, o mestre a aguardava. “Como assim?” ela perguntou sem esperar resposta. Seguiram até uma Starbucks a poucas quadras dali, em uma esquina com vista magnífica das torres gêmeas.

Num dos banquinhos do balcão em frente à janela, o mestre lhe trouxe um café. Ele olhou o relógio, depois para as torres, com uma certa melancolia que ela ainda não havia visto em seus olhos. Era setembro de 2001, ela sabia bem. Dia 11, seu aniversário.

– Desculpe pelo atraso. – pediu, acanhada. – E pela confusão na entrada.

Ao que ele respondeu, sustentando o mesmo sorriso pensativo:

– De nada. Eu já sabia.

Laroiê abocanhou metade do croissant com uma dentada só, e prosseguiu, antes mesmo de engolir:

– Ele nunca havia te contado o tal segredo, então?

– Não. Vi só pelos e-mails que você mostrou. Ele podia ter me contado. A gente achava uma solução.

– Mas ele não contou.

– Não. O que você está preparando?

– Nada. Shit happens. E não tem nada que ninguém possa fazer a respeito.

– Nem você?

Ele tomou um gole do café quente. Não respondeu.

De: New.Fernandes@hotmail.com

Assunto: Minha história

Caro Laroiê,

Um homem se conhece mesmo pelas suas vergonhas. Aquelas tão íntimas e secretas que o definem. Eu tenho as minhas. A menos que você as conheça, seus motivos e consequências, jamais entenderá o que aconteceu comigo. E nunca conseguirá me ajudar. Começemos então do início.

Quando tinha uns oito anos de idade, minha mãe me levou para conhecer uma igreja. Não uma comum, de padre e crucifixo, como eu conhecia até então. Eles foram criados católicos mas, desde que aquele sujeito lhes falou no parque sobre minha mecha descolorida nos cílios, eles ficaram mais curiosos, e passaram a buscar outras formas de religião. Encontraram o que procuravam numa dessas seitas dos anos 70 que misturava um pouco de tudo – desde budismo, cristianismo, umbanda, kardecismo até mais uma onda mística da era de Aquarius. Um grupo gentil, esforçado e feliz, que se encontrava todo domingo de manhã, numa casa no Alto de Pinheiros. Não tinha luxo, a casa. Lembro que mal tinha mobília, além de uma mesa ou outra. As pessoas se sentavam no chão e, em cada sala, um homem ou mulher de branco lhes falava. Parecia mais uma escola que uma igreja.

Um dia, cruzamos o corredor que ligava a porta de entrada ao jardim dos fundos, onde uma multidão se aglomerava ao redor de uma mulher. Lembro de achá-la bonita. Tinha um pequeno pássaro em um dos dedos, um pardalinho, acredito. Uma das pessoas disse que ela o pegara no chão, sem conseguir voar. A mulher acariciou o pássaro algumas vezes. Acalmou-o. Acho que aquela foi a primeira vez que senti minha pálpebra saltar. De repente, ela ergueu a mão para cima, e o pardal voou! Ohhhhh! Sussurravam todos. Seu nome era Pilar, ela era a líder daquela igreja.

Aos oito anos, eu não percebia muita coisa além de uma mágica ocasional nas poucas vezes que a vi pessoalmente. E um anel no formato de cabeça de pássaro repousada sobre seu dedo, de uma forma que, quando ela

fechava o punho, o bico saltava para fora. Mas a seita, a partir daquele dia, passou a fazer parte de todos os meus domingos. Aulas dominicais, eles chamavam. Numa sala as crianças, noutra os adultos. Sempre um adulto de branco dando aula sobre espiritualidade para cerca de 40, 50 pessoas em cada sala. Meus pais eram daqueles que nunca faltavam, e eu me acostumei a ir também. Foi somente na adolescência, no colégio de padres, que eu percebi que aquele mundo era diferente do mundo dos meus amigos. E que não deveria falar muito a respeito, porque ninguém entenderia.

Uma vez, durante uma aula dominical, um moleque perguntou sobre isso, como poderíamos explicar nossa religião para os amigos da escola. O professor, a quem chamávamos de sacerdote, nos incentivou a manter tudo em segredo. “Eles não vão entender. Se entendessem, nessa casa não caberia toda essa gente querendo ouvir o que vocês ouvem. Não queremos explodir a Casa Branca de gente, não é?” – Casa Branca era o nome que dávamos ao casarão, e boa parte das minhas memórias de infância são dali.

Mas a gente continuou crescendo, e aí veio algo que eles não esperavam: a internet. De repente, eu podia pesquisar on-line, achar livros e conversar com gente que não conhecia. Perguntar sobre outras religiões e descobrir que não éramos os únicos a quem se prometeu o reino dos céus. Meu mundo caiu mesmo quando comecei a achar “textos sagrados” que conhecia como sendo exclusivos do nosso grupo em livros das mais variadas culturas. Seria aquilo tudo copiado? Mas quem copiou o quê? Fiquei muito confuso, muito triste.

Foi um ano difícil. Havia começado a primeira faculdade, e passei a me sentir uma aberração. Em público, longe da Casa Branca, me juntei ao grupo dos ateus. Preferia fingir nunca ter tido religião a ter de admitir que fazia parte de um grupo que copiava ensinamentos de outros. Nas aulas dominicais, eu ficava calado.

Daí, dessa vida dupla, veio toda a minha amargura com Deus a que você se referiu. Deus, se é que ele existe, me havia feito de palhaço.

Eu teria saído. Queria muito. Passei a me mostrar meio desgarrado do rebanho e, vez ou outra, faltava aos domingos por motivos pouco importantes. Eu não era o único, todavia. Minha geração parecia estar inteira se desinteressando. Mas os mais velhos continuavam lá. Fervorosos. Não os questiono, porém, porque, se eles continuavam lá por ignorância, eu e tantos outros que enxergávamos o ridículo da coisa toda também continuávamos lá. Por medo.

Quando conheci Pilar, ela era muito doce, o que contrastava com a aspereza da voz de alguém que parecia ter fumado por décadas – mas nunca a vi com um cigarro na mão... Nas poucas vezes que ela ia à Casa Branca, era sempre uma festa. Levava balas para as crianças, conversava com os adultos. Sempre achei que eu recebia um pouco mais de atenção do que os demais. Como se fosse do nível superior, das pessoas que tem acesso semanal a ela, que os adultos chamavam de Nível 2. Eu, assim como meus pais, éramos meros Nível 1, mas por muito tempo eu tive orgulho disso. Mas divago. Ao longo dos anos, especialmente no final dos anos 90, Pilar começou a ficar mais ran-corosa. Ia menos à Casa Branca e, quando ia, era para fazer profecias de morte e perdição, que soavam ainda mais aterrorizantes vindas daquele vozeirão rouco. Passou a falar mais do mal que sofriam os que abandonavam o grupo do que do bem que poderíamos fazer ao mundo, como era antes. Passou a controlar mais com quem saíamos do que quem trazíamos. Conforme o mundo se abria, ela se tornava mais reclusa, e exigia o mesmo de nós.

Quando cheguei ao colegial, era comum contar nas aulas dominicais sobre os namorados e namoradas. Aquele que ousasse namorar gente “de fora”, mais cedo ou mais tarde, levava um sabão. Primeiro era aconselhado pelos sacerdotes, mas se não havia desfeito o namoro antes do dia em que Pilar por acaso aparecesse, estava frito. Ela acabava com você. Na frente de todos. Derrubava-lhe a autoestima e rogava pragas para você e sua família. Ninguém ali queria que a família sofresse, então, de um jeito ou de outro, todos acabavam obedecendo. Eu mesmo terminei com várias namoradas por causa disso. Uma delas foi a Maria Eduarda. Por pressão do grupo, eu parei de ligar. Viajei de férias e não a procurei na volta. Um dia ela me encontrou na faculdade e eu, que me fazia de ateu, inventei que não estava pronto para namorar sério, que, se continuássemos juntos acabaríamos casando cedo e nenhum de nós queria isso. Ela acreditou, ou fingiu. Como lhe contei antes, viramos amigos depois disso. Entre um namoro e outro, ficávamos juntos. Mas nunca nada sério, ou longo o suficiente para que me pegassem.

Porque havia os espíões. Gente que ganhava prestígio contando dos namoros e defeitos dos outros. E aí, mais patada na família. Era um inferno.

O medo mesmo, contudo, a coisa mais apavorante que havia, era que diziam que, quando o espírito de Olomowewê baixava em Pilar para falar com o povo (e acontecia de vez em quando), a alma dela ficava solta para possuir quem ela quisesse. Vez ou outra ouvíamos histórias de gente falando

coisas que só ela saberia dizer. Mas as piores histórias eram aquelas em que ela fazia a pessoa passar vergonha em público, como um menino que um dia apareceu nu no campus da faculdade. Ele foi repreendido pelo reitor e quase foi expulso, diz a lenda, porque ninguém ali acreditaria que ele havia sido possuído por uma guru do Alto de Pinheiros. Tudo isso porque ele insistia em continuar namorando uma menina que deixara o grupo. Como essa, havia várias. E era isso que realmente revoltava.

Um dia, me contaram, um rapaz do Nível 2 resolveu levantar a mão para perguntar à Pilar se, quando algo ruim acontecia a alguém que havia saído do grupo, era karma ou era ela que baixava no sujeito e fazia algo para ele se arrepender. Nunca soube se era uma dúvida honesta ou uma provocação. Só sei que, nessa hora, Olomowewê baixou em Pilar e imediatamente ela tomou o corpo do rapaz. O sujeito então pegou um martelo que estava de bobeira por ali, e espatifou a própria mão. Disseram-lhe depois que, em vez de gritar, ele disse, como se fosse para si: “Isso é para aprender a não levantar a mão para faltar com o respeito”. Eu conheci o sujeito uma vez. Ele ainda estava de gesso na mão, e havia ido visitar o pessoal da Casa Branca para que os sacerdotes pudessem usá-lo como exemplo do que acontece quando se mexe com coisas que não se deve mexer.

Então era assim. Um dia falávamos sobre o espírito da saracura, noutra estudávamos textos sobre meditação e “o som sem som”, depois da vida de Jesus, e no outro de repente tremíamos de medo de sermos humilhados em público pelo espírito vingativo de Pilar.

Acho que aprendi mais com a artilosidade de Pilar do que com os tais ensinamentos do bem da escola dominical, aliás. Ela era mestre em fazer com que os inimigos se destruíssem, que os amigos a respeitassem, e que todos, inclusive os muitos poderosos, trabalhassem para fazer qualquer coisa que ela quisesse. E isso não era nada de sobrenatural. Era talento mesmo.

O que nos traz aos dias de hoje, meu caro Laroíê.

O Fred (Siqueira, o que me deu o emprego) um dia começou a pegar no meu pé por causa da relação que comecei a estabelecer com o AA (diretor de redação) e com a Yara (a executiva nova).

Essa coisa de jogo de poder e articulação política faz parte da vida de jornal. Acho que, porque cobrimos tanto o mundo do poder, temos necessidade de trazer o drama do poder de seriado para nossas próprias vidas. O coitado do Fred ficou com tanto ciúme que tentou me tirar da cobertura internacional dos

acordos com o *NY Tribune*. Só não conseguiu porque alguém lá de cima não deixou. O que fez a situação ficar ainda mais preta pro meu lado.

A vingança vinha sob a forma de entrevistas ridículas quando eu chegava atrasado. E eu chegava. Porque meu carro, você deve recordar, estava dando tanto problema que eu quase toquei fogo nele. Quando o filho da puta me deixou na mão pela décima vez, decidi dar um fim nele. Mas com que dinheiro? Com o dinheiro do aumento, você diria. E eu responderia: não ia sobrar nada desse aumento se a Yara continuasse me fazendo pagar jantares de R\$700 do Parigil! (Como no dia que a Yara me deixou na mão e a Duda ligou dizendo que precisava falar comigo, lembra?).

Na época, imaginei que o caso com o namoradinho novo da Duda tinha dado errado e dei graças a Deus por ainda existir uma claraboia para extravasar meus hormônios.

Engano meu. A Maria Eduarda queria falar novamente de tarô, profecias e previsões de um certo alguém que estava tentando me neutralizar, me aniquilar. Coisas estranhas desse gênero que, pelos motivos que confessei acima, eu desprezei por completo. Sexo que é bom, nada. Nem um beijinho. O namoro dela não só estava em pé como andava muito bem. E eu não poderia falar nada ou ela ficaria ainda mais apaixonada só para me contrariar. Melhor era deixar quieto.

Suas mensagens continuavam com uma insistência anormal, contudo. “Eles conhecem seus pontos fracos”, “Eles já começaram a agir” e por aí vai. Eles, eles, eles. Puta enchção de saco.

A partir de determinado momento, até da Duda eu desliguei. Se fosse apenas para transmitir recados do além, era melhor que eu os recebesse diretamente dos orixás quando me chamassem de novo para visitar o lago de Ifá.

O problema é que, para isso, eu não poderia mais beber nem chegar tarde em casa nem viajar com os amigos... Aliás, que amigos? A essa altura não sobravam muitos. Os do grupo me rejeitavam como um desgarrado leproso, os da redação não iam com a minha cara...

Sem amigos, sem namorada... As únicas coisas que tinha eram uma TV de 29 polegadas, um carro que não andava... e meu novo plano de dominação do *Jornal*.

Esse sim, estava indo muito bem. Havia passado dias estudando o portfólio de investimentos da JPark. Escolhi uma empresa que gostava mais e fiz uma reportagem positiva sobre ela, o que fez com que o valor das ações

subisse 7% em um único dia. Recebi em troca um comedido e-mail de parabéns direto da Yara, e informações sobre outras empresas interessantes, caso eu estivesse interessado.

Havíamos nos tornado cúmplices numa ciranda. Ela me informava as probabilidades nas quais acreditava (a ponto de investir o próprio dinheiro ou recomendar a seus clientes), eu escrevia sobre elas como se fossem minhas próprias ideias, e a influência do *Jornal* fazia o resto. Uma profecia autorrealizável, diriam meus antigos professores de Economia. Um cenário que me elevava como profeta junto ao público e como um pequeno messias junto aos que agora controlavam minha carreira.

De um jeito ou de outro, tirando a merda do carro que não funcionava, o destino ia me ajudando a tocar meu plano. Ter sido obrigado a deixar de lado o lunático dos iogurtes, inclusive, permitiu me concentrar na ciranda com Yara. Claro que meu súbito interesse por empresas desconhecidas somado à atenção da direção do *Jornal* impulsionaram algumas pessoas na redação a me odiar ainda mais. Mas, para quem já tinha fama de repórter-promoção, receber um pouco mais de ódio das mesas ao lado não era nada demais. O problema era o Fred me olhar torto, o resto eu resolvia. Precisava realmente arrumar um fim, ou melhor, uma solução, para ele.

E, falando em solução, queria lembrar um certo acordo que você e eu fizemos. Você me disse que “me traria mensagens dos orixás” em troca das minhas dicas gastronômicas. Até agora, convenhamos, não recebi muito. Como é que vou confiar em você e ter certeza de que não está me enganando, que não está apenas me enrolando para alimentar seu sadismo ao conhecer minha história completa? Mostre-me. Diga que você sabe alguma coisa que eu ainda não sei ou que tem alguma resposta relevante.

Eis um bom desafio. Vejamos como você se comporta diante de um pouco de pressão.

Até mais.

Axé,
New

São Paulo, 9 de julho de 2001.

O SEGREDO

Elas eram duas. Uma tão velha que mal andava. A outra, uma senhora valente e forte, de seios fartos e cadeiras imensas. Cobriam-se, ambas, com trapos de andarilhas. Como chegaram ali, ninguém sabia. A cidade de Oká ficava a dias de viagem de qualquer outra.

– O que as senhoras procuram? – perguntou um dos guardas no portão.

– Deixe-as, disse o outro. — As senhoras querem água? Devem estar exaustas.

As senhoras agradeceram a gentileza do segundo, mas estavam bem. O primeiro guarda, porém, insistiu.

– O que procuram?

Não era tanto a insistência, mas o ar insolente que incomodou a mais velha das duas. Ela então se aproximou, devagar, pousou a mão trêmula sobre o braço do guarda e falou com sua voz fraca:

– O rei. Queremos ver o rei.

O guarda riu. Um deles, apenas, o outro sabia bem que não deveria desafiar os mais velhos. Nunca se sabe quem tem o dom da feitiçaria numa terra como aquela. Foi o que o salvou. O outro, que ria, parou quando sentiu sua garganta fechar. Seu braço, começando por onde a senhora o segurava, e espalhando por todo o corpo, começou a secar, como uma pimenteira largada sob o sol. A pele afinou, a carne murchou. Os olhos desapareceram para dentro da cabeça, enrugados como frutas secas. O cabelo, caiu como se não tivesse raiz. Até os ossos se esfarelaram dentro do corpo do homem. Secou inteiro e caiu, semimorto, no chão. Chacoalhava o braço, agora da finura de um graveto, e fazia um som arranhado ao respirar. A própria visão da agonia.

Melhor se estivesse morto. Mas não estava, porque elas não tinham misericórdia com insolentes.

As senhoras então olharam com gentileza para o guarda que ainda estava de pé:

– Então, o rei, por favor?

À sua volta, uma dúzia de pássaros, de diferentes tipos e cores pousava sobre os muros da cidade.

Encontraram-se, o chefe da cidade e as duas feiticeiras ancestrais, no meio da praça central. Não havia vento que ousasse soprar. Os pássaros, que continuavam a chegar, agora cobriam os telhados, muros, cada espaço que encontravam. Gralhavam alto, um canto de morte e olhavam todos para o pequeno homem que os locais chamavam de rei. Um olhar intenso e coletivo, de causar calafrios. O povo entrava em suas casas e fechava portas e janelas. Apenas uns poucos curiosos arriscavam assistir, por frestas e esquinas, contudo.

As duas senhoras então abriram os braços e olharam para os céus. Uma camada de penas ligava seus braços e cintura, como asas negras de duas mulheres-pássaro. De onde estavam, os que assistiam não saberiam distinguir se tinham mesmo asas, ou eram as roupas que lhes causavam essa impressão. Não que fizesse qualquer diferença, aliás.

– IÁÁÁÁ! – gritou a mais jovem.

Os pássaros então revoaram, todos de uma vez. O som do mundo todo das suas asas batendo, corpos se chocando e gritos raivosos. Rodando em turbilhão, subiram e se formaram em círculo, todos no mesmo sentido, cobrindo cada raio de sol. O dia escureceu numa sombra sinistra. O rei tremeu. Havia aprendido que, diante da presença das Lá Mi Oxorongá, tudo poderia acontecer. Deitou-se no chão e bateu com a testa no solo, em sinal de respeito. Talvez tenha sido por isso que viveu. Ou talvez porque elas quisessem algo do pequeno homem.

Ele arriscou, com deferência e medo:

– O que querem as senhoras? Em que podemos ajudar, aqui em Oká?

– Preciso que guardem algo para nós.

– Claro. Um tesouro? Dinheiro? Feitiços?

– Um segredo.

A senhora de peitos gigantes pegou então uma das cabacinhas que levava pendurada ao redor do corpo e a abriu. Uma fumaça negra se derramou sobre o chão. A fumaça se misturou à terra, criando uma lama grossa, que se mexia, como se borbulhasse. Borbulhasse não, como se levantasse. A lama então tomou a forma de um homem, tão idoso e fraco, que mal podia se levantar.



Os seis guerreiros andavam há três dias à procura das velhas feiticeiras Iá Mi Oxorongá e dos príncipes do destino que elas haviam sequestrado. Mas nenhum sinal delas. Nada para o adivinho Orunmilá adivinhar. Para o caçador Oxóssi caçar. Para o general Ogum abater. Para a guerreira Iansã desafiar. Para o príncipe Xangô destruir. Para a menina Oxum seduzir.

Exu, o mensageiro de estômago sem fundo, não estava ali. Ele era o único longe do grupo. Havia sido encarregado de levar o primeiro dos odus resgatados de volta para o Orum. O mestre estava confiante com essa primeira vitória, e mandou seu vassalo avisar aos orixás que era apenas uma questão de tempo até que eles fossem todos encontrados. Mas talvez a missão não fosse tão fácil assim?

Oxum pediu ao pai que descansassem. Tantos dias sem progresso nem sinal das feiticeiras, ao certo elas teriam tomado um atalho até a cidade de Oká. Não era concebível que aquelas senhoras andassem mais rápido que um grupo de jovens no auge da vitalidade. Se não as encontraram até aquele dia, provavelmente não conseguiriam mais alcançá-las no caminho, calculou Ogum.

Apesar de contrariado, Orunmilá teve de concordar. Sua cabeça, porém, por algum motivo que o grupo desconhecia, rejeitava completamente a ideia de parar. Mas seu corpo já não aguentava mais.

Primeiro Oxum, depois os demais, todos se sentaram. Oxóssi, Iansã e Xangô, jovens e fortes, aguentariam mais um dia sem dificuldades. Ogum também poderia esticar a caminhada por mais tempo, pois aprendera nos campos de batalha a dominar o próprio cansaço e

economizar energia. Mas Oxum e Orunmilá não aguentariam chegar a Oká se continuassem naquela toada.

– Ogum, Xangô, Oxóssi, Iansã – chamou o adivinho.

Ogum levantou ao chamado do líder. Os demais o seguiram, quietos. Oxum deixou que todos se aproximassem do pai e tomou um lugar um pouco mais afastado. Não o desrespeitaria, ainda mais conhecendo o lado furioso do pai. Mas sua curiosidade jamais a deixaria se conter de pelo menos ouvir. Oxum é e sempre será curiosa. Não importa o que aconteça, isso nunca vai mudar.

– Temos duas decisões importantes a tomar, e gostaria de discutir-las com vocês.

– Do que se trata, babá? – falou em nome do grupo o general Ogum, segundo na hierarquia do grupo.

– Não sei ao certo o perigo que nos espera, mas é bom estarmos preparados para qualquer coisa. Os búzios me alertaram sobre um grande perigo e uma vitória incontestável... Se estivermos prontos. Ainda preciso refletir sobre algumas respostas que não foram tão claras, mas, enquanto isso, vamos nos preparar.

Aquela era uma ordem. Ogum apalpou os sacos de tecido que carregara por toda a viagem, como se verificasse mais uma vez se estavam cheios. Na sua linguagem militar, estar “bem preparado” significava, acima de qualquer coisa, estar bem armado para enfrentar o inimigo. Mas havia ainda um outro tipo de preparo que qualquer estrategista se preocuparia em garantir.

– Agora a segunda coisa: Oxóssi – comandou Orunmilá. – Você é rápido e jovem, tem muita energia. Tenho uma tarefa importante para lhe designar. Se conseguirmos encontrar as Iá Mi ainda na cidade de Oká, nossas chances são grandes, pois conheço muito bem o lugar. Mas se não as alcançamos até agora, talvez nem as alcancemos em Oká. Por isso, preciso que você vá na frente e investigue a área entre a cidade e o rio Osé, provavelmente o próximo destino delas.

– Certo, babá – levantou-se Oxóssi, pronto para partir.

– Lembre-se: você é um grande arqueiro, talvez o melhor entre todos, como gosta de dizer. Mas não se esqueça de que, se Exu não

tivesse feito o ebó a tempo durante as festa dos inhames, você também teria falhado.

– Já ouvi essa versão da história antes, mestre – respondeu contrariado – Mas o que isso tem a ver com o que devo fazer agora?

– Se você porventura cruzar com elas, procure o restante do grupo para que possamos formular um ataque com chances de vitória. Não tente resolver sozinho. Posso confiar em você?

Ogum fitou firmemente o irmão. Os temores de Orunmilá tinham razão de ser.

– Claro, babá. Isso nem passaria pela minha cabeça – ele sabia que todos o observavam à procura do menor sinal de hesitação, mas não lhes daria a chance de interromper a nova tarefa. Permaneceu imóvel como uma rocha, transmitindo toda a segurança que podia demonstrar. Orunmilá aguardou alguns instantes antes de prosseguir.

– Então vá. Encontre-nos em Oká com todas as informações que puder levantar. Oxum, preciso que você coordene a preparação do ebó. Pegue dois inhames nos nossos mantimentos e ase-os com dois preás que Xangô e Ogum vão caçar. Depois, todos vocês vão auxiliar o general no que for necessário pra estarmos bem armados. Preciso refletir sobre o que está acontecendo e só gostaria de ser interrompido quando o ebó e as armas estiverem prontos, combinado?

– Combinado – aquiesceram todos como se tivessem ensaiado.

Ao longo do dia, Ogum liderou o grupo como se fossem todos seus ajudantes. Mandou que Iansã limpasse o terreno com seu vento e buscasse lenha e pedras para o fogo. Enquanto caçavam os dois preás encomendados, o general e Xangô discutiram os detalhes do estranho machado de dois lados que Xangô tanto queria. Quando trouxeram os pequenos roedores para que Oxum os preparasse com os inhames, tudo estava pronto: fogueira preparada, chão limpo e o pó de ferro à mão.

Iansã se ofereceu para acender o fogo. Encostou os joelhos e cotovelos no chão e acendeu a fogueira com seu próprio hálito! Ogum deu um passo em sua direção, sem saber o que dizer, o que permitiu que Xangô tomasse a iniciativa:

– O que foi isso, Iansã? – perguntou Xangô, com mais surpresa que desconfiança.

Iansã achava graça. Oxum sussurrou no ouvido do marido:

– Mais uma das artimanhas dessa bruxa. Não disse que ela tem sempre algo escondido?

Ogum não deu atenção ao comentário da esposa:

– Mais alguma surpresa para nos mostrar, Iansã? Ou será que teremos de nos acostumar a esses sustos?

O ambiente ficou pesado naquela clareira. Nos olhos de Iansã, um certo constrangimento. Quando tentou explicar, a situação ficou ainda pior.

– Não entendam mal. Era só uma brincadeira. Ouvi Xangô comentar com uma menina, durante a festa dos inhames, dias atrás, que sabia soltar fogo pela boca. Imaginei que isso deveria ser por causa de uma de suas poções e, enquanto ele se divertia com as mulheres de Ifé, eu peguei um pouquinho para dar um susto em vocês.

– Então foi você quem mexeu nas coisas de Xangô durante a noite? – perguntou Ogum com severidade, enquanto comemorava por dentro o fato de estar enganado quanto à sua impressão de que Xangô e Iansã haviam passado a noite juntos.

– Sim, fui eu. Mas foi só uma brincadeira. Não queria assustar ninguém.

Oxum não tentou esconder o sorriso diante da encrenca em que sua rival havia se metido, mas até ela se encolheu quando o marido gritou:

– Isso aqui, caso você tenha esquecido, minha cara, é uma expedição! Gente vai morrer. Não há nada de engraçado nisso. Espero que não tenhamos de lidar mais uma vez com suas brincadeiras de mau gosto nem com assaltos noturnos à bagagem dos nossos companheiros. Fui claro?

Em outra situação, Iansã teria levantado e enfrentado Ogum. Mas não dessa vez. Contida em sua própria culpa, a guerreira se levantou e pediu perdão. Sua intenção era apenas entreter o grupo com um pequeno truque, mas não tirava deles a razão em relação à forma como o fizera. Só estava furiosa era com Oxum, pensou.

Se aquela menina mimada não tivesse instigado tanto o marido, a confusão não seria tamanha.

Iansã cruzou a clareira fitando Oxum e se embrenhou na mata fechada. Xangô murmurou alguma coisa no ouvido do general e a seguiu. Ogum sentiu tremerem de ciúmes seus músculos de ferro, mas, em respeito à mulher, preferiu não os seguir.

Quando se voltou para trás, o general encontrou Oxum sentada diante do fogo, soprando-o em agrado ao marido. Ogum não agradeceu. Não era muito bom nesse tipo de manifestação de afeto. Mas também não mandou que parasse, o que Oxum entendeu como aprovação.

Lá ficaram os dois. O sol cruzou todo o resto do céu das terras iorubás enquanto as marteladas incessantes do ferreiro que moldavam novas armas para o grupo eram ouvidas de longe. Quando, finalmente, o casal voltou até o acampamento para encontrar Orunmilá e os demais, tinham em mãos o estranho machado encomendado por Xangô; duas pequenas adagas, uma para Oxum, outra para Orunmilá; algumas pontas de flecha para Oxóssi; e uma grande e poderosa espada. Oxum pegou sua pequena arma e entregou a do pai, que agradeceu e se virou.

– Não creio que eu vá precisar disso, mas muito obrigado, general. Agora peço licença, pois tenho de fazer a oferenda aos orixás antes de dormir. Amanhã será um dia muito cansativo. É melhor vocês também não se alongarem muito diante dessa fogueira.

Enquanto o adivinho se retirava resmungando algo sobre um “encontro de dois”, Ogum se sentou com o resto das armas num canto perto do fogo e estendeu o machado na direção de Xangô. O dono da poção que faz o homem cuspir fogo se aproximou correndo, excitado. Logo atrás vinha Iansã, quieta e ainda intimidada pelos acontecimentos daquela tarde, mas louca para apreciar sua nova arma.

– Magnífico, mestre Ogum! – celebrou Xangô, com sua voz de trovão – Ficou ainda melhor do que imaginava. Muito obrigado!

Ogum não respondeu de volta, aquele era seu jeito.

Xangô, sedutor e oportunista, voltou-se para Iansã e mostrou-lhe a peça. Os olhos de Iansã se iluminaram diante daquele trabalho preciso. Ela tocou levemente a lâmina afiada e sorriu de dor quando

sentiu uma gota de sangue escorrer de seu dedo. Só Iansã é capaz de sorrir de dor. Era um trabalho irretocável, afinal. Uma arma engenhosa, executada com perfeição.

– Posso falar com você? – Iansã tentou se aproximar de Ogum, mas ele permaneceu calado. Mesmo assim, ela insistiu. Sentou-se ao lado do general, deixando os seios roçarem o braço forte do ferreiro, e tocou gentilmente sua perna. Do outro lado da fogueira, Oxum pôde ver a gota de suor escorrendo pela têmpora do marido. Antes que ela pudesse se levantar, porém, ele mesmo o fez.

– Tome – disse o ferreiro entregando a espada para Iansã. – Orunmilá me pediu que preparasse armas para todo o grupo. Esta é a sua.

Não era a forma mais amável de se dizer isso, mas Iansã viu no trabalho cuidadoso da longa lâmina que Ogum não havia apenas cumprido ordens. Olhou para o corpo forte do homem carrancudo que se afastava, seguido pela esposa ciumenta. Depois assistiu aos passos insinuantes daquele que passara a tarde toda lhe contando sobre aventuras em outras florestas e poções que nunca foram experimentadas por homem algum no Aiê. A guerreira podia pressentir o perigo, e gostava dele. A situação a divertia tanto que parecia nublar seus sentidos. Ou teria percebido o olhar brilhante do pássaro que observava atento tudo o que acontecia naquela clareira.